



As Cores

em "Os Faroleiros", de Monteiro Lobato

MÔNICA A. H. C. DE SANT'ANNA

Graduada em Letras Português
UFES

"A cor e eu somos um só"

Paul Klee

A percepção do mundo dá-se pelas cores. É pelo olhar e com a presença da luz que esta percepção é concretizada.

Somos cores, vivemos cores, pensamos cores. É impossível separarmos as cores do nosso viver. As cores são condutoras de emoções; com sua variação de tons remetem-nos a sensações alegres, tristes; enfim, as cores têm um grande papel influenciador em nosso estado psicológico. Tal fato realça o que disse Aristóteles: "Nada entra na mente sem ter passado pelos órgãos do sentido".

Além da presença das cores em nosso viver, é notória a presença das cores em qualquer texto artístico - pictórico, literário, cinematográfico, fotográfico, etc. Cabe ao olhar do leitor ler, perceber a cor, assim sentirá a intensidade e a simbologia das cores nos referidos textos artísticos.

As cores, devido às suas grandes variedades são assim classificadas - primárias (vermelho, azul e amarelo); secundárias (laranja, verde e roxo); terciárias (obtidas pela mistura de uma cor primária com uma cor secundária); quentes (vermelho, amarelo e as demais em que predominem); frias (azul, verde e as demais em que predominem).

Por ter percebido na obra Urupês de Monteiro Lobato a influência das cores no ambiente e personagens, influências estas que nos remetem diferentes sensações pelas quais a maioria das obras de Monteiro Lobato são conhecidas, foi escolhido o tema "cromatismo" para analisá-la.

Nesta obra de contos inéditos, os temas são marcados pela vida do homem, isolado ou não; relacionamentos conflituosos; a solidão; o cotidiano de nossas vidas em diferentes níveis sociais e geográficos. Nota-se que o "tom" desta obra é um tanto diferente das conhecidas histórias infantis do autor.

Cada conto assemelha-se a um quadro bem pintado, onde não há nada de mais, nem de menos, e onde tudo concorre para o efeito final; este é fruto da arte de compor e distribuir planos, característica de pintores.

Tal fato liga-se ao fato de Monteiro Lobato ter desejado ser pintor e ter sido impedido pela família, tornando-se assim advogado. Assim, não podendo ser pintor, fez-se escritor, ao invés de pintar com tintas, passou a “pintar” com as palavras.

Por ter sido observada uma homogeneidade de cores nos contos de Urupês, o cromatismo será abordado em um conto somente - “Faroleiros”.

O conto “Faroleiros” mostra um “tom” um tanto escuro e negativo. O conto faz uma abordagem da solidão em que o homem vive, num farol do mar, solidão intensificada pela grandiosidade do mar. Além da solidão há um “quê” de angústia, pois são dois faroleiros inimigos obrigados a trabalharem juntos. São inimigos devido a questões amorosas. Toda a trama desenvolve-se num tom de vermelho, a raiva, a guerra in(ex)terior que influenciará num trágico desfecho.

Porém, este pesado tom é abandonado quando surgem “telas” mostrando fenômenos naturais como quando no início do conto :

*Dava azo à dúvida uma luz vermelha piscarna escuridão da noite.
Escuridão não direi de breu, que não é o breu de sobejo escuro
para referir um negror daqueles. De cego de nascença vá. Céu e
mar fundia-os um só carvão, sem fresta nem pique da pinta
vermelha que súbito se fez amarela*

(Faroleiros, p.55)

Monteiro Lobato faz mudanças de cores de maneira lenta e numa escala decrescente que não assusta os olhos do leitor.

Da imensidão e frieza do negro passa para o quente vermelho e logo em seguida para a luminosidade maior, o amarelo, uma bela coloração para mostrar o fim da noite e o nascer do dia em frente ao mar. Há de notar-se também o uso permanente de contrastes em todo o texto.

A cor predominante neste destaque é uma cor fria, o preto, justamente para intensificar a solidão do mar à noite. São usadas palavras várias para referir-se à noite - breu, negror, escuridão, carvão e ainda usa uma metáfora ao referir-se à cegueira de nascença que é também uma eterna noite.

O preto indica a ausência de cor, uma oposição à luz, claridade. Aqui o preto simboliza a noite, a escuridão, o perigo, a insegurança e também a solidão. Uma forma “intrigante” de iniciar um conto, mas o seu desenvolvimento e desfecho darão respostas a essa técnica.

As outras cores surgem logo em seguida, aparecem de forma mágica, pois Monteiro Lobato dizia anteriormente na voz do narrador que “céu e mar fundia-os um só carvão sem fresta nem pique” e eis que surge uma “pinta vermelha” que subitamente fez-se amarela.

O vermelho é uma das sete cores do espectro solar, denominada cor primitiva (primária). É a mais saturada das cores, decorre daí uma maior visibilidade em comparação com as demais. É uma cor quente, que aqui

surge para romper a noite, e o negro (cor fria). A pinta vermelha é o próprio sol surgindo no horizonte do mar, logo em seguida essa pinta vermelha fez-se amarela. O amarelo é também uma das faixas coloridas do espectro solar, é também uma cor primária, é a mais clara das cores, e, a que mais se aproxima do branco. O amarelo simboliza a própria luz solar, força.

Monteiro Lobato parece fazer uso da “técnica impressionista” ao aguçar os sentidos do leitor e ao colocar tons nas cores :

... o marulho das ondas às chicotadas no enrocamento da torre; e para a vista, eterna onda que ondula, ora torva, ora azul.

(Faroleiros, p.57)

Para os ouvidos do faroleiro há o marulho das ondas, o violento mar que quer ser notado; e para os olhos a imensidão do azul, como a realçar a solidão. O mar nos aparece metaforizado como “eterna massa que ondula, ora torva, ora azul”.

O azul é também uma cor primária, e tem uma certa analogia com o preto, pois é a cor mais escura das cores primárias, funciona como sombra na pintura dos corpos opacos, numa escala de tons. Daí pode-se tirar a explicação de Monteiro Lobato ao referir-se à onda do mar usando o termo “torva”.

Por ser a mais profunda das cores, o azul é a própria cor do infinito. Diante do azul o pensamento consciente cede lugar à fantasia e aos sonhos que emergem do nosso mundo interior. Daí a magia do uso do azul (cor fria) ao mostrar o faroleiro “mergulhado” em seus pensamentos saudosos e melancólicos diante do frio infinito azul do mar, certificando-se da sua solidão, da sua distância.

Monteiro Lobato é pertinente quanto ao uso de cores primárias que oscilam ora nas cores frias, ora nas cores quentes; porém não seguindo a classificação dada por estudiosos às cores, pois usa cor quente remetendo para tristeza e vice-versa. A passagem de uma cor para outra ocorre de maneira gradativa :

A treva espessava as águas e absorvia nos céus os derradeiros palores da luz. No poente, um leque aluarado enrubescia nas varetas, com dedadas sangrentas de nuvem a barrá-lo(...)

(Faroleiros, p.64)

A gradação aqui já parte de uma cor mais escura para romper a luz do dia.

O negror da noite vai se aproximando lentamente, vai espessando as águas e absorvendo os últimos raios de sol que são colocados como “palores da luz”. No mesmo local onde o sol se põe surge a lua - um leque aluarado.

O vermelho é presente nesta citação com a simbologia de morte por sua reminiscência - novamente contrário aos estudos sobre as cores, o morrer do dia vai cedendo lugar ora ao negror da noite, ora à luminosidade do amarelo da lua, até extinguir-se por completo. Pode-se afirmar que aqui a noite não foi colocada com um sentido negativo, pois além de colocar uma cor quente (amarelo), esta cor vai simbolizar luz por ser a mais clara das cores primárias.

Os exemplos até aqui colocados para mostrar o cromatismo na obra de Monteiro Lobato foram de fenômenos naturais. Ressalta-se porém que estas descrições são nada mais, nada menos que reflexos da situação interior dos personagens. Tanto que durante o conto é impossível traçar o perfil dos mesmos; eles fazem parte do todo. Um todo de sombras, contradições e outras coisas mais.

O desfecho dá-se de maneira trágica, numa guerra interior que é exteriorizada. Novamente Monteiro Lobato faz uso de oposições com as cores, desta vez com o vermelho, talvez pelo fato do vermelho ser a mais contraditória das cores .

... Cabrera com a carótida estraçalhada a dente, caído num lago de sangue. A seu lado Gerebita com a cara e o peito vermelhos, a mão sangrenta, estava lava-se no chão sem sentidos.

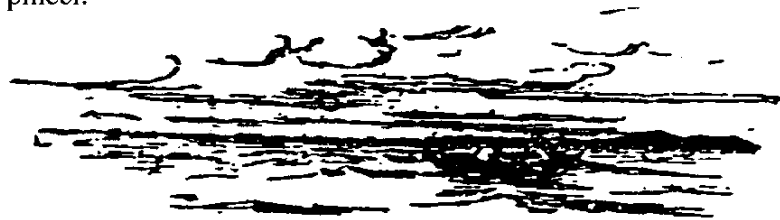
(Faroleiros, p.68)

O vermelho aparece simbolizando a vida e a morte. De um lado aparece Cabrera morto, “num lago de sangue” e com a “carótida estraçalhada”, de outro lado “Gerebita com a cara e o peito vermelhos” (sangue é elipsado), e a “mão sangrenta”, o que mostra ainda que há vida, reforçada pelas palavras “sem sentidos”.

O vermelho aqui faz lembrar uma guerra, mas como símbolo de trégua.

Todo o conto “Faroleiros” foi trabalhado com a predominância de cores primárias, quentes e frias, num jogo de oposições grandioso, fugindo às teorias e símbolos dados às cores. Cabe ao leitor perceber e dar uma simbologia ao emprego das cores.

O conto foi iniciado e terminado com as mesmas cores, porém com significados diferentes, levando-nos a concluir que Monteiro Lobato foi um grande conhecedor das cores e soube utilizar muito bem a tela e o pincel.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CIRLOT, Juan-Eduardo. *Dicionário de símbolos*. São Paulo: Moraes, 1984

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 6. ed. São Paulo: Brasiliense, 1946.

PEDROSA, Israel. *Da cor à cor inexistente*. 7. ed. Rio de Janeiro: Leo Christiano, 1982.

ROUSSEAU, René-Lucien. *A linguagem das cores*. São Paulo : Pensamento, 1980.